

Linguística silenciada: notas sobre a recepção dos trabalhos linguísticos de Franz Boas no Brasil¹

Danilo Paiva Ramos

Professor Doutor em Antropologia Social/Universidade Federal de Alfenas
Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade
Federal de São Carlos

<https://orcid.org/0000-0002-3169-504X>
danilo.ramos@unifal-mg.edu.br

Introdução

Em 1911, Franz Boas publicou sua famosa Introdução ao *Handbook of American Indian Languages* (HAIL) pelo Instituto Smithsonian/Departamento de Etnologia Americana. A introdução consolidou a perspectiva teórico-metodológica do grupo de pesquisa liderado por Boas do qual faziam parte, dentre outros, Edward Sapir e Alfred Kroeber. Ao longo dos cinco capítulos, Boas desenvolve os temas da relação entre língua e raça (seção 1), das características gramaticais e fonéticas/fonológicas da linguagem (seção 2), das formas de classificação das línguas indígenas (seções 3 e 5) e das relações entre Linguística e Antropologia (seção 4). O trabalho de 83 páginas é o resultado de décadas de pesquisas sobre as línguas indígenas norte-americanas. Segundo Duranti (2003), no horizonte traçado pela instituição científica estava a busca pela reconstrução das relações genéticas entre as línguas indígenas norte-americanas a partir da coleta de vocabulários e textos a fim de contribuir à classificação dos povos (Duranti 2003: 324).

Em 2016, no Grupo de Estudos de Antropologia e Linguística da USP (GEAL-USP), decidimos estudar mais a fundo a contribuição de Franz Boas para o campo interdisciplinar entre Antropologia e Linguística. Percebemos com muita surpresa que a obra clássica não tinha tradução para língua portuguesa, estando apenas disponível online como um fac-símile em arquivo de pdf. A leitura e debate coletivos entre linguistas e antropólogos logo despertou uma série de questões sobre o porquê da não tradução e, para além disso, o

1 Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Lanna pelos comentários e sugestões à versão preliminar deste trabalho.

porquê do desconhecimento da contribuição de Boas para os estudos da linguagem no Brasil.

De um lado, os(as) antropólogos(as) percebiam que haviam estudado apenas os trabalhos de Boas voltados à consolidação da perspectiva culturalista, à crítica ao evolucionismo e à metodologia dos estudos etnológicos. Por outro lado, os(as) linguistas aventavam a possibilidade de que a afirmação da linguística como campo autônomo no Brasil tenha feito com que se deixasse de lado a imersão na proposta boasiana de uma concepção holística, contextual e etnográfica da linguagem.

Entendendo ser fundamental a tradução da *Introdução ao Handbook of American Indian Languages* (Boas 1911), dadas as possibilidades para a o fortalecimento do diálogo entre antropólogos e linguistas, convidei minha mãe, Lúcia Ely Paiva, que é tradutora de inglês-português, a fazer comigo uma versão preliminar da tradução da obra boasiana. Fiz contato com uma editora famosa por publicar obras de Linguística, para averiguar o possível interesse na tradução. O e-mail de resposta que recebemos na época foi taxativo, afirmando não haver qualquer interesse na tradução pelo fato de o autor de antropologia não se adequar à linha editorial em linguística da editora. A resposta é reveladora quanto à percepção de uma separação e distanciamento entre os campos, algo que, como mostra Yonne Leite (2009), nem sempre foi assim dada a importância dos diálogos entre antropólogos e linguistas para a consolidação de programas de pós-graduação e mesmo para a formação das associações profissionais: a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

Busco, neste trabalho, refletir sobre o porquê desse silenciamento quanto à contribuição de F. Boas para os estudos da linguagem a partir de uma perspectiva antropológica e etnográfica no Brasil. Entendo *silenciamento* como uma operação epistemológica, própria do campo científico, intencional e sistemática de apagamento da relevância dos esforços de certos grupos intelectuais. Tal operação baseia-se em um princípio de triagem fazendo com que, ao afirmar determinados programas de pesquisa e cânones, atenuem-se a relevância da mistura, da contextualização sociohistórica, dos diálogos e trocas entre grupos acadêmicos. Num primeiro momento, apresento algumas notas iniciais sobre a forma como se deu a recepção dos trabalhos de Franz Boas nas Ciências Sociais para, em seguida, evidenciar agências do campo da linguística brasileira que levaram, possivelmente, a esse apagamento. Por fim, concluo mostrando a dupla articulação de silenciamentos não só quanto aos trabalhos linguísticos de Boas, mas à sua perspectiva etnográfica, contextual e holística de linguagem.

Ciências Sociais

Para Boas, o estudo das línguas colocava-se como fundamental tanto para a boa realização dos trabalhos de campo, quanto para um entendimento aprofundado sobre as culturas e tradições indígenas (Duranti 2003: 324). Próximo ao pensamento de Wilhelm von Humboldt e Heymann Steinhil, Boas considerava as línguas como condicionantes das visões de mundo dos povos indígenas (Stocking Jr. 2004: 195). Como aponta Stocking Jr. (2004), na Introdução ao HAIL, Boas (1911) buscava delimitar as bases científicas para o estabelecimento da Linguística norte-americana. Estruturando uma metodologia sólida de trabalho de campo linguístico, Boas e seus colaboradores realizaram uma vasta documentação das línguas e tradições culturais dos povos indígenas através de notas gramaticais, classificação dos troncos linguísticos, coletâneas de mitos e listas de vocabulários.

Em 2004, a publicação do livro *A formação da Antropologia Cultural: Franz Boas* de Margarida Moura, livro resultante de sua tese de livre-docência defendida em 2000, colaborou para o entendimento da relevância dos trabalhos linguísticos de Boas para o estabelecimento das relações entre língua e cultura, e para a compreensão do caráter inconsciente dos fenômenos linguísticos e etnológicos. Segundo Moura (2004), a Introdução ao HAIL abre um caminho fecundo tanto para a antropologia cultural norte americana, quanto para o estruturalismo de Lévi-Strauss. Nas palavras do próprio Lévi-Strauss (1973):

É a Boas que cabe o mérito de ter, com lucidez admirável, definido a natureza inconsciente dos fenômenos culturais. Em páginas onde, assinalando deste ponto de vista da linguagem, ele antecipava acerca do desenvolvimento ulterior do pensamento linguístico, e sobre um porvir etnológico cujas promessas começamos apenas a entrever (Lévi-Strauss 1973: 35).

Assim, a explicitação, por Lévi-Strauss, da sinergia entre os campos da Linguística e da Antropologia, e mesmo o foco nas dimensões inconscientes de fenômenos linguísticos e culturais, encontram suas bases nos trabalhos etnolinguísticos de Boas.

Como mencionado, apesar de fundamental para o desenvolvimento da Linguística e da Antropologia, da influência que exerceu sobre o estruturalismo de Lévi-Strauss (Moura 2004: 356), e da importância para a consolidação de uma abordagem teórico-metodológica para o campo da Etnolinguística, a Introdução ao HAIL aguardava ainda uma tradução para o português, sendo pouco conhecida e/ou valorizada por grande parte dos linguistas e antropólogos brasileiros².

2 Tradução que se publica, finalmente, neste volume de R@u.

Apesar da relevância da obra linguística de Boas, a antropologia brasileira procurou sempre traduzir e introduzir a estudantes e pesquisadores de Ciências Sociais os trabalhos marcadamente antropológicos do autor. Como exemplo, podem ser mencionados os livros de Celso Castro, *Franz Boas – Antropologia Cultural* (2004) e *Textos básicos de antropologia* (2016), que trazem trabalhos de Boas sobre teoria e metodologia em Antropologia e Ciências Sociais. Como aponta Castro (2004), a coletânea de 2004 selecionou artigos e conferências considerados pelo próprio Boas como representativos de sua carreira que, além das questões metodológicas, apresentavam a elaboração do conceito de cultura. Segundo o autor (2004: 14), “ficaram de fora os escritos mais especificamente etnográficos de Boas, bem como suas importantes contribuições nos campos da linguística e da antropologia física”.

Já José Carlos Pereira, tradutor dos livros de Boas *Primitive Art* [1927]/*Arte Primitiva* (2015) e *The mind of primitive man* [1911]/*A mente do ser humano primitivo* (2010), apresenta a tradução de textos relevantes para entender a contribuição de Boas para o debate sobre a relação entre raça e cultura e, especificamente, suas reflexões e análise sobre padrões estéticos e arte a partir da crítica antropológica ao evolucionismo.

A tradução e publicação, em 2004, da obra de George Stocking Jr. (2004), *Franz Boas: A formação da Antropologia Norte Americana 1883 – 1911*, possibilitou aos pesquisadores e estudantes brasileiros de Etnolinguística e Antropologia Linguística acesso a palestras e correspondências de F. Boas fundamentais para compreender melhor o projeto que lançou as bases para a fundação da Linguística norte-americana e da própria Etnolinguística.

Em 2004, é com espanto que Celso Castro inicia sua apresentação à coletânea *Franz Boas: Antropologia Cultural* afirmando ser difícil de acreditar que aquele fosse o primeiro livro de Boas a ser publicado no Brasil. Segundo ele, não havia nem traduções de textos isolados de Boas em revistas científicas, sendo disponíveis apenas traduções feitas pelos próprios professores de Ciências Sociais. Ainda assim, as ideias de Boas tiveram grande influência sobre o trabalho dos chamados intérpretes do Brasil, e especialmente de Gilberto Freyre, que havia sido aluno de Boas na Universidade Columbia, em Nova Iorque.

Como retoma Castro (2004), no prefácio à 1ª edição de *Casa Grande e Senzala* de 1933, Gilberto Freyre afirma que “[o] professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje a maior impressão” (Freyre 1933, *apud* Castro 2004: 20). Para Freyre, as ideias de Boas tinham ajudado-o a pensar os problemas nacionais e, em especial, a questão da mestiçagem. Freyre foi a grande liderança do movimento regionalista e propositor da teoria valorativa da mestiçagem racial que possuía forte caráter conciliador e elitista. Segundo Telles:

Freyre argumentava que o Brasil era único dentre as sociedades ocidentais por sua fusão serena dos povos e culturas européias, indígenas e africanas. Assim, ele sustentava que a sociedade brasileira estava livre do racismo que afligia o resto do mundo. A noção de que o sistema escravagista e as relações raciais tinham sido mais benignos no Brasil do que nos Estados Unidos já era aceita; entretanto, Freyre transformou tal contraste num aspecto central do nacionalismo brasileiro, conferindo-lhe um status científico, literário e cultural que duraria pelo menos até a década de 80 (Telles 2003: 50).

O não reconhecimento da violência, do racismo e do genocídio da população negra impostos pelo sistema escravocrata fez com que a abordagem freyreana fosse duramente crítica por Florestan Fernandes a partir de *A integração do negro na sociedade de classes* (1978) e *O negro no mundo dos brancos* (2007[1972]), como se torna visível no seguinte trecho: “Não se entende a situação do negro e do mulato fazendo-se tábula rasa do período escravista e do que ocorreu ao longo da instauração da ordem social competitiva” (2006: 272). Como mostra Guimarães (2002), para Fernandes o desenvolvimento capitalista da sociedade de classes faz surgir o preconceito e o racismo como dispositivos de exclusão e inferiorização da população negra. Alguns autores verão nesse debate a contraposição entre “a escola culturalista de antropologia de Franz Boas em que Freyre se apoiava e o método histórico dialético de Marx defendido por Fernandes dentre outros” (Silva & Carvalho 2010: 9).

É provável que os confrontos políticos e científicos tenham contribuído para, por exemplo, a exclusão das obras de F. Boas da coleção *Grandes Cientistas Sociais*, idealizada e coordenada por Florestan Fernandes. Desse modo, é possível supor que o *silenciamento* das Ciências Sociais com relação à obra linguística de Boas relaciona-se primeiro à reação crítica à teoria positiva da mistura racial, com Freyre posicionando-se como discípulo de Boas. Nos anos 2000, as traduções de trabalhos de Boas como *Arte primitiva* (2015), *A mente do ser humano primitivo* (2010) e *Franz Boas: Antropologia Cultural* (2004), mostram a importância de diferenciar as abordagens de Boas e de Freyre, já que todos esses são textos críticos ao racismo e ao evolucionismo, e ao mesmo tempo fundantes da perspectiva relativista e culturalista. Celso Castro (2004, 2016) e José Carlos Pereira (2010, 2015) selecionam assim contribuições do autor para o campo das Ciências Sociais, mas deixam de lado e silenciam sobre as contribuições de Boas para o campo da Linguística, igualmente relevantes para a constituição da perspectiva culturalista e relativista.

Linguística

Nos anos 1960, a relevância dos trabalhos linguísticos de Boas é salientada por Mattoso Câmara Jr. (1975), um dos fundadores da Linguística brasileira. Segundo o autor, os estudos de Boas consolidaram uma abordagem distinta daquela dos filólogos neogramáticos dedicados às línguas indo-européias. Para Mattoso Câmara Jr. (1975), Boas apresentou, na Introdução ao HAIL, uma visão geral sobre a linguagem, “acentuando seu caráter de padronização, a inconsciência desse padrão, a não-dependência da estrutura linguística da cultura ou da raça e a possibilidade de empréstimo linguístico em uma escala muito mais ampla do que a ortodoxa linguística europeia costuma admitir” (1975: 168). Entretanto, tal reconhecimento de importância não se refletiu em um programa de traduções das obras de Franz Boas no campo da Linguística.

A publicação de traduções trabalhos fundamentais de Roman Jakobson em 1967 pelo linguista Izidoro Blikstein deu destaque a Boas através do texto de Jakobson “As concepções de significação gramatical segundo Boas” (Jakobson 1967). Nesse trabalho, Jakobson reflete sobre a contribuição de Boas para o entendimento do modo como a gramática distingue significações lexicais e “seleciona, classifica e exprime diversos aspectos da experiência” (1967: 58). Salientando a originalidade do pensamento de Boas, Jakobson compara a contribuição do autor teuto-americano àquelas de Charles Peirce e Noam Chomsky.

Na correspondência entre Jakobson e Mattoso Câmara Jr., organizadas e publicadas por Altman (2015), Jakobson pergunta a opinião de Mattoso Câmara Jr. sobre seu artigo dedicado à contribuição de Boas, que ele havia enviado por correio. A resposta, entretanto, revela o não recebimento do artigo e, por isso, o silêncio quanto ao escrito de Jakobson.

Mattoso Câmara Jr. (1975) destacava ainda a importância do postulado da difusão de traços linguísticos gerais (categorias gramaticais, traços fonéticos, etc.) para o entendimento da semelhança estrutural entre as línguas indígenas (idem). Sobre a contribuição linguística de F. Boas, Mattoso Câmara Jr. dirá que:

Na América, entretanto, o antropólogo Franz Boas, continuador de Powel, teve uma percepção linguística da maior significação e, sob sua orientação, um grupo de notáveis linguistas dedicou-se à descrição e classificação das línguas indígenas americanas. Boas, de origem alemã, não tivera treinamento prévio em linguística e estava completamente liberto de ideias pré-concebidas sobre a linguagem com base na linguística indo-européia. Expôs seus mais importantes pontos de vista sobre a linguagem, sua natureza e seu funcionamento na sociedade na *Introdução* (1912) que escreveu para o Manual das Línguas Indígenas Americanas, que continha sob sua redação uma série de estudos descritivos das línguas indígenas

americanas. Nele, Boas desenvolveu uma visão geral sobre a linguagem, acentuando seu caráter de padronização, a inconsciência desse padrão, a não dependência da estrutura linguística da cultura ou da raça e a possibilidade do empréstimo linguístico em uma escala muito mais ampla do que a ortodoxa linguística europeia estava inclinada a admitir (Câmara Jr 1975: 168).

Entretanto, apesar da ênfase na importância da obra linguística de Boas, Mattoso Câmara Jr. dedicou-se à tradução dos escritos de Edward Sapir e não de Franz Boas, publicando a tradução do livro *Language: an introduction to the study of speech* (Sapir 1954 [1921]) e, posteriormente, a coletânea de ensaios: *Linguística como Ciência* (Sapir 1961).

Aluno de F. Boas, Sapir teria contribuído de modo fundamental para a consolidação das bases científicas da Linguística (Câmara Jr. 1961: 8). Voltando-se ao estudo das línguas indígenas americanas e à estruturação de uma abordagem formalista que via a linguagem como forma auto-suficiente a fornecer canais expressivos ao pensamento e à cultura, Sapir teria desenvolvido uma abordagem interessada nos problemas filosóficos da linguagem, tendo chamado a atenção para a importância do estudo descritivo, base da descoberta de padrões intrínsecos da língua, para o estudo do impulso linguístico e para as inter-relações entre língua e pensamento (Câmara Jr. 1975: 171). A proximidade do formalismo sapiriano àquela da teoria linguística de Saussure também parece justificar o investimento na tradução e difusão da obra de E. Sapir em detrimento da introdução complementar dos trabalhos de Franz Boas. A atração pelo formalismo também se manifesta no interesse que Mattoso Câmara Jr. teve pelo Círculo de Praga, ao qual teve aproximação através do seu mentor, Roman Jakobson (Câmara Jr. 1968: 50, apud Altman 1998: 121).

Ao lembrar e tecer linhas de diálogo entre Linguística e Antropologia no Brasil, Yonne Leite (2009) sublinha o papel central que Mattoso Câmara Jr. e Aryon Rodrigues tiveram para a consolidação do campo de estudo das línguas indígenas no país, seja assumindo cargos na ABA, seja iniciando programas de pós-graduação na UnB e no Museu Nacional. Para Leite (2009), o interesse antropológico na Linguística dava-se, dentre outros fatores, pela grande aceitação dos trabalhos de Lévi-Strauss e do estruturalismo que valorizava imensamente as contribuições teórico-metodológicas da Linguística e, especificamente, da Fonologia. Em suas palavras “a Linguística se popularizou no Brasil através da Antropologia e de Lévi-Strauss, autor cult dos anos 60 [...]” (2009: 39), sendo a Linguística vista como “fornecedora de um método para as Ciências Sociais” (2009: 41). Segundo Leite, a influência penetrante da Linguística Gerativa a partir dos trabalhos de Noam Chomsky (1957) geraram uma mudança de paradigma que fez a Linguística passar

a “dialogar com as Ciências Biológicas e as Ciências da Mente, interrompendo as relações que vinham sendo mantidas com a Antropologia e as Ciências Sociais” (Leite 2009: 46).

Como apontam Leite e Franchetto (1983), o diálogo entre Antropologia e Linguística continuaria se dando, através do trabalho de campo, considerado como marcante para a formação de linguistas e antropólogos. Além disso, a atuação no indigenismo leva a atuações conjuntas de defesa dos direitos indígenas na luta pela demarcação de terras, pela educação bilíngue e pela salvaguarda das culturas e das línguas indígenas.

Na Introdução ao HAIL, um dos pontos centrais de Franz Boas é justamente a importância do trabalho etnográfico como base para a descrição linguística, transcrição e tradução de textos de arte verbal, e para o estudo das demais dimensões da cultura dos povos indígenas. Ainda que essa perspectiva tenha sido fundamental para as contribuições teóricas de Sapir e Lévi-Strauss, assim como para diálogos e parcerias entre linguistas e antropólogos a partir do trabalho de campo, parecem sempre faltar menções aos escritos de Franz Boas seja nos trabalhos fundantes que estabeleciam as “tarefas da etnolinguística no Brasil” (Rodrigues 1966; Câmara Jr. 1965), seja nos artigos memoriais de grandes linguistas como Luci Seki (1999), Yonne Leite (2004, 2009) e Aryon Dall’Igna Rodrigues (2009).

Um aspecto que ganha relevo a partir dos depoimentos de Seki e Rodrigues vem a ser o peso negativo que teve a atuação, viabilizada pelo acordo de cooperação de 1958 com o Museu Nacional, dos linguistas missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) para a Linguística de línguas indígenas no Brasil. Nas palavras de Seki (1999),

O acordo com aquela instituição criou a falsa idéia de que nossas línguas já estavam sendo estudadas por linguistas competentes, o que desestimulou o ingresso na área de estudantes iniciantes ou mesmo de pesquisadores estrangeiros. Alie-se a isso o fato de que o modo de trabalho linguístico do SIL, com sua concepção de permanência prolongada em campo (sem dúvida imprescindível para o aprendizado prático da língua e para as tarefas de catequese e tradução da bíblia), com a produção de resultados em geral fragmentários, em desproporção ao tempo de permanência em área e às facilidades de infra-estrutura disponíveis à instituição (Leite 1981), passou a ser visto como o ‘padrão’ de trabalho com línguas indígenas, contribuindo para uma falsa representação de que o estudo de uma língua indígena constitui uma tarefa de natureza ‘missionária’, ao qual o pesquisador deve dedicar toda a sua vida, sendo pouco gratificante do ponto de vista acadêmico (Seki 1999: 266).

Segundo Rodrigues (2009), tendo como objetivo dominar as línguas indígenas para a ação proselitista, os missionários desconsideraram a produção linguística já existente no país, e produziram uma documentação fragmentária. Leite (1981) ressalta o problema da

falta e visão de conjunto das línguas estudadas e da aleatoriedade nos aspectos linguísticos abordados. Se a cooperação firmava-se em nome de “salvar as línguas indígenas para a posteridade” e de contribuir para a formação de linguistas brasileiros, Seki (1999) afirma que a colaboração para a formação de linguistas brasileiros deu-se apenas nos anos iniciais, e que logo houve o afastamento com relação às pós-graduações.

Dessa forma, ao retomar os depoimentos sobre o período considerado como de formação da Linguística no país e os escritos teóricos e de história das ideias linguísticas de Mattoso Câmara Jr., verifica-se que o *silenciamento* com relação à contribuição de Boas aos estudos da linguagem liga-se a um programa que visava, de um lado, a consolidação da Linguística como um campo autônomo epistemologicamente. De outro lado, o trabalho de campo nos momentos iniciais da formação de linguistas especializados é marcado não só pela relação com etnógrafos, mas fundamentalmente pelos linguistas missionários, com “resultados fragmentários” e uma “documentação fragmentária” visando o proselitismo religioso, proposta em tudo distante da perspectiva contextual e holística boasiana.

Considerações finais: O duplo silenciamento

Diante do desafio imenso imposto pela tarefa de tradução da Introdução de Franz Boas ao HAIL, busquei levantar algumas questões sobre o porquê da recepção incipiente da contribuição do autor para os estudos da linguagem no Brasil. Procurei descrever de que modo as obras de Boas começam a ser traduzidas nos anos 2000 a partir de uma superação da sobreposição da imagem de Boas àquela de G. Freyre, com a valorização de seus escritos sobre a abordagem culturalista, a crítica ao racismo e ao evolucionismo, assim como suas obras dedicadas às artes.

Por outro lado, a constituição da Linguística como campo autônomo no Brasil deu-se através da triagem de cânones que consolidaram teórico-metodologicamente a área de modo independente com relação às Ciências Sociais, assim deixando afastada a perspectiva boasiana, com sua concepção dos estudos da linguagem como inerentes ao campo da Antropologia. De forma semelhante, o estudo etnográfico da linguagem proposto por Boas distancia-se da concepção de trabalho de campo missionário, ancorado em uma abordagem fragmentária de descrição linguística voltada ao proselitismo e ao “salvacionismo”.

Como mostram Galucio et al. (2018), o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) fundamentado pelo decreto N° 7.387 de dezembro de 2010 estabelece a necessidade urgente de reconhecimento do valor da diversidade linguística como patrimônio cultural imaterial através da coleta e registro de informações sobre todas as

línguas do Brasil. Identificar a situação atual de cada uma delas, os graus de risco para suas continuidades, e subsidiar políticas públicas favoráveis ao patrimônio linguístico, são tarefas que exigirão certamente uma reaproximação entre os campos da Antropologia e Linguística. Nas palavras de Galucio et al. (2018):

A língua também representa muitas vezes um marcador essencial da identidade étnica e social de cada comunidade. Relacionado a isso, representa ainda uma estreita ligação com a história e cultura de um povo, cujo conhecimento coletivo sobre o ecossistema e as paisagens do ambiente em que vive está em certa medida conectado às formas e estruturas da língua. A perda de uma *língua geralmente faz parte da desintegração de um povo e do seu habitat. Isso é bem visível no Brasil, onde o desaparecimento das línguas indígenas é acompanhado pela desagregação das suas comunidades de falantes e da destruição das suas terras. No final, o desaparecimento de uma língua é uma perda para o patrimônio intelectual e cultural da humanidade em geral* (Galucio et al. 2018: 210).

Apenas dessa forma será possível gerar a participação ativa das comunidades indígenas, tendo com base abordagens etnográficas, contextualizadoras e que tomem como ponto de partida as teorias e ontologias indígenas sobre a linguagem. Seguindo Leite (2009), as convergências e diálogos que apontam hoje para uma retomada da Introdução do HAIL parecem ter sido semeados por linguistas não missionários e antropólogos no curso de seus trabalhos de campo. Tenho que admitir que, como conta Yonne Leite (2009), sou um desses antropólogos que relê Boas a partir dos encontros do campo compartilhado com linguistas, da formação em antropologia com linguistas e antropólogos estruturalistas, como meus professores Beatriz Perrone-Moisés e Márcio Silva, e da busca por praticar uma escuta etnográfica que permite as conversas, aprendizados e compartilhamento de sentidos vividos com meus interlocutores Hupd'äh.

Referências

- ALTMAN, Cristina. 1998. *A pesquisa linguística no Brasil (1968 – 1988)*. São Paulo: Humanitas.
- BOAS, Franz. 1911. *Handbook of American Indian Languages*. Washington, DC: Government Printing Office.
- BOAS, Franz. 2010. *A mente do ser humano primitivo*. [tradução de José Carlos Pereira]. Petrópolis: Vozes.
- BOAS, Franz. 2015. *Arte primitiva*. [tradução de José Carlos pereira]. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA Jr., Mattoso. 1961. "Introdução". In: E. Sapir, *Linguística como ciência* [seleção, tradução e notas de J. Mattoso Câmara Jr.]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

- CÂMARA Jr., Mattoso. 1965. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- CÂMARA Jr., Mattoso. 1975. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes.
- CASTRO, Celso. 2004. *Franz Boas - Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CASTRO, Celso. 2016. *Textos Básicos de Antropologia 1*. Rio de Janeiro: Zahar.
- CHOMSKY, Noam. 1957. "Fundamentals of Language. Roman Jakobson, Morris Halle". *International Journal of American Linguistics*, 23(3): 234-242.
- DURANTI, Alessandro. 2003. "Language as Culture in U.S. Anthropology". *Current Anthropology*, 44(3): 323-347.
- FERNANDES, Florestan. 1978. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática.
- FERNANDES, Florestan. 2007 [1972]. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global.
- FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne. 1983. "A Concepção dos Linguistas". *Cadernos de Estudos Linguísticos UNICAMP*, 4:15-30.
- GALUCIO, Vilacy; MOORE, Denny; VOORT, Hein. 2018. "O patrimônio linguístico do Brasil: novas perspectivas e abordagens no planejamento e gestão de uma política da diversidade linguística". *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 38: 194 - 219.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio. 2002. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Editora 34.
- JAKOBSON, Roman. 1967. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix.
- LEITE, Yonne. 1981. "O Summer Institute of Linguistics: Estratégias e Ação no Brasil". *Religião e Sociedade*, 7: 60-64.
- LEITE, Yonne. 2004. "Joaquim Mattoso Câmara Jr: um inovador". *D.E.L.T.A.*, 20: 9-31.
- LEITE, Yonne. 2009. "As times go by: as relações entre linguística e antropologia". In: D. da Hora; E. F. Alves & L. Espíndola (orgs.), *Abralín: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária. pp. 37-57.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1973. Linguística e Antropologia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 85-99.
- MOURA, Margarida Maria. 2004. *Nascimento da Antropologia Cultural: Franz Boas*. São Paulo: Hucitec.
- RODRIGUES, Aryon. 1966. "Tarefas da linguística no Brasil". *Estudos Linguísticos*, 1(1): 3-15.
- RODRIGUES, Aryon. 2009. "40 anos de linguística, cursos universitários e línguas indígenas no Brasil". In: D. da Hora; E. F. Alves & L. Espíndola (orgs.), *Abralín: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária. pp. 15-34.
- SAPIR, Edward. 1954[1921]. *A Linguagem: Introdução ao estudo da fala*. [Tradução de J. Mattoso Câmara Jr.] Rio de Janeiro: Ministério da Educação.

SAPIR, Edward. 1961. *Linguística como ciência: ensaios*. [Seleção, tradução e notas de J. Mattoso Câmara Jr.] Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

SEKI, Lucy. 1999. "A lingüística indígena do Brasil". *D.E.L.T.A.*, 15: 257-290.

SILVA, Daniel Antonio Coelho; CARVALHO, Danilo Nunes de. 2010. "A Integração do Negro na Sociedade de Classes: A Resistência Negra sob Perspectiva Marxista". *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, 1: 8-23.

STOCKING JR., George. 2004. *Franz Boas: A formação da Antropologia Norte Americana 1883 – 1911*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda.

TELLES, Edward. 2003. *Racismo à Brasileira. Uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Recebido em 04 de abril de 2022.

Aceito em 10 de julho de 2022.

Linguística silenciada: notas sobre a recepção dos trabalhos linguísticos de Franz Boas no Brasil

Resumo

A introdução de Franz Boas ao *Handbook of American Indian Languages*, publicada em 1911, constitui um trabalho fundamental tanto para o campo da linguística quanto da antropologia. Apesar da importância da obra, a introdução ao HAIL permaneceu sem tradução até o momento, estando a contribuição de Boas para o campo dos estudos da linguagem excluída dos currículos de Ciências Sociais e Linguística no Brasil. No presente artigo, busco refletir sobre o porquê desse *silenciamento* que fez com que a perspectiva etnográfica, contextual e holística boasiana se mantivesse desconhecida e afastada dos processos de constituição desses campos de saber no Brasil.

Palavras-chave: Teoria Antropológica; Etnolinguística; Franz Boas; Interdisciplinaridade.

Silenced Linguistics: reflections on the reception of Franz Boas's linguistic works in Brazil

Abstract

Franz Boas' introduction to the *Handbook of American Indian Languages* published in 1911 constitutes a fundamental work for both the fields of linguistics and anthropology. Despite the importance of the work, the introduction to HAIL has remained untranslated so far. Thus, Boas' contributions to the field of language studies has been excluded from the curricula in both anthropology and linguistics in Brazil. In this article, I reflect on the reasons for this *silencing* around Boas' work which caused the ethnographic, contextual and holistic perspective of Boas to remain unknown during the constitution of these fields in Brazil.

Keywords: Anthropological Theory; Ethnolinguistics; Franz Boas; Interdisciplinarity.